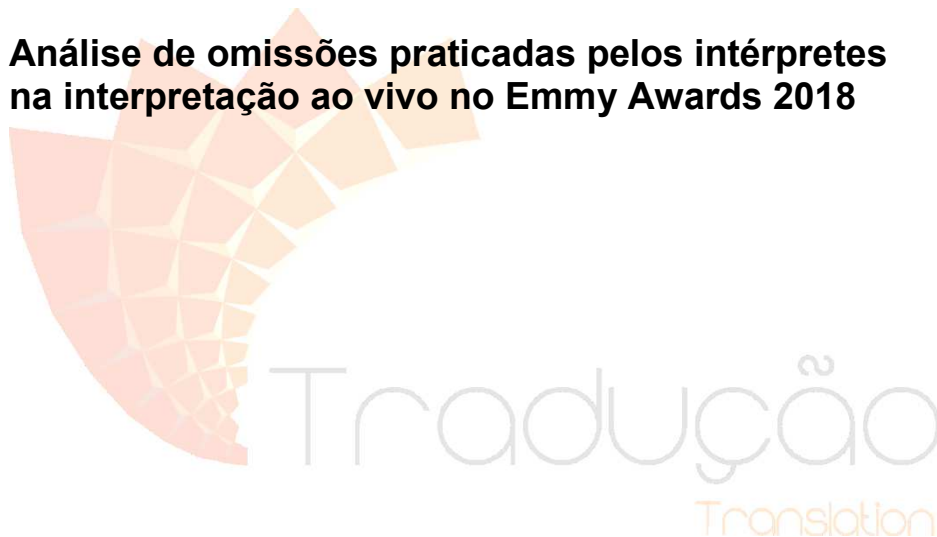


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE TRADUÇÃO**

MARINA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**Análise de omissões praticadas pelos intérpretes
na interpretação ao vivo no Emmy Awards 2018**



Uberlândia/MG

2019

MARINA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**Análise de omissões praticadas pelos intérpretes na
interpretação ao vivo no Emmy Awards 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Beatrice Costa

Co-orientadora: Profa. Me. Lara Cristina Santos Talhaferro

Uberlândia/MG

2019

MARINA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**ANÁLISE DE OMISSÕES PRATICADAS PELOS INTÉRPRETES NA
INTERPRETAÇÃO AO VIVO NO EMMY AWARDS 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Cynthia Beatrice Costa – UFU
Orientadora

M.^a Lara Cristina Santos Talhaferro – UFU
Co-orientadora

Prof. Dr. Francine de Assis Silveira – UFU
Membro

Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva – UFU
Membro

Uberlândia (MG), 28 de Junho de 2019

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, Elcia e Gerson, aos meus irmãos, Murilo e Milena, e aos meus avôs, Marta e Waldir, por todo o amor e apoio que sempre me deram.

Aos meus amigos Lucas, Luna e Andreza, pela amizade, pela compreensão, pela ajuda e pelo apoio durante esse tempo do curso. Esses três anos não teriam sido tão memoráveis sem vocês.

Ao meu amigo Clarck, pela amizade, pelo companheirismo e por sempre apoiar minhas ideias.

À minha orientadora, Cynthia Costa, pela ajuda e paciência durante esse processo, e por ter feito a monografia ser bem mais leve do que eu pensei que seria.

A todo o corpo docente do curso de Bacharelado em Tradução pelos ensinamentos.

RESUMO

O trabalho do intérprete simultâneo de transmissões televisivas ao vivo é ainda pouco estudado. Com a intenção de colaborar para essa área, o presente trabalho aborda a interpretação midiática (ou televisiva) realizada por dois intérpretes brasileiros na premiação Emmy Awards 2018. Com base em considerações a respeito da interpretação simultânea (PÖCHHACKER, 2008; GILE, 2015) e da interpretação midiática (MACK, 2000) e a partir da análise de uma das ocorrências mais controversas no discurso de intérpretes, a omissão (BARIK, 1971; JONES, 2014), é proposta a seguinte categorização: omissão por erro e omissão por estratégia. Cinco exemplos contendo 11 omissões diferentes são usados para ilustrar casos de omissão e procurar entendê-los e classificá-los.

Palavras-chave: interpretação midiática; Estudos da Interpretação; omissão.

ABSTRACT

The work of simultaneous media interpreters is still rarely studied. As a means of contributing to this area of study, the present work focuses on the interpreting task performed by two Brazilian interpreters on the Emmy Awards 2018. Based on considerations regarding simultaneous interpreting (PÖCHHACKER, 2008; GILE, 2015) and media interpreting (MACK, 2000), and approaching omissions (BARIK, 1971; JONES, 2014), which constitute a controversial feature in the interpreter's discourse, this work proposes the following categorization: omission by error and omission by strategy. Five examples containing 11 different omissions are used to illustrate omissions and to understand and classify them.

Keywords: media interpreting; Interpreting Studies; omission.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
Capítulo 2	10
Referencial teórico: a interpretação midiática	10
A omissão na interpretação	10
Intérpretes na corda bamba	12
Intérpretes televisivos: desafios próprios	14
Capítulo 3	17
Omissão como estratégia e omissão como erro: uma proposta	17
Exemplos I e II: corda bamba.....	18
Exemplos III, IV e V: manutenção do humor	21
Proposta de classificação dos exemplos	25
4 Considerações finais	30
Referências	32

1 INTRODUÇÃO

A interpretação sempre esteve presente na formação histórica do Brasil, iniciando-se na própria conquista do território brasileiro, com a necessidade de comunicação entre os indígenas e os portugueses. Esta, muitas vezes, era mediada por gestos e as mais diversas associações. No início, intérpretes eram necessários na comunicação – e, sobretudo, no ato da confissão de indígenas a jesuítas. Só com o tempo os jesuítas passaram a aprender as línguas locais e a ensinar sistematicamente o português (DELUMEAU, 1973, p. 89).

Mesmo sempre presente, porém, apenas recentemente a interpretação se tornou um campo de estudo autônomo e permanece pouco estudada no Brasil, onde “existe pouca tradição em historiografia da interpretação, havendo poucos pressupostos teóricos a se tomar como base” (PAGURA, 2010, p.17). A escassez de estudos diz respeito, sobretudo, à chamada interpretação midiática que, paradoxalmente, constitui “um dos maiores pontos de contato da população em geral com o trabalho de interpretação” por meio de “eventos televisionados – entrevistas, programas de auditório, eventos esportivos, premiações, etc.” (LIMA, 2016, p. 9).

Assim, como forma de colaborar com uma área de investigação que se encontra ainda incipiente, o presente trabalho tem por objetivo central identificar e analisar omissões praticadas pelos intérpretes Regina McCarthy e Felipe Simões em trechos da cerimônia do prêmio televisivo Emmy Awards 2018, transmitido no dia 17 de setembro de 2018 pelo canal por assinatura TNT (Turner Network Television), com duração de 2h01min.

O Emmy é a premiação da Academia de Artes & Ciências Televisivas, com sede nos Estados Unidos, que é composta por líderes de mídia e entretenimento de mais de 60 países. Sua primeira edição foi transmitida no dia 25 de janeiro de 1949, no Hollywood Athletic Club, e premiou somente programas locais de Los Angeles. Ao longo do tempo, o Emmy expandiu e agora inclui programas nacionais e internacionais. No Brasil, a cerimônia foi transmitida ao vivo e com exclusividade pelo canal de televisão por assinatura, que chegou ao Brasil na década de 1990. Criado por Ted Turner, o canal TNT foi ao longo dos anos ganhando mais visibilidade graças à diversificação de sua programação.

A cerimônia acontece ao vivo e sem uma prévia para os intérpretes, pois os monólogos que acontecem ao longo do programa e a informação de quem ganhará os prêmios não são disponibilizados para eles, nem para os atores, produtores e diretores (entre outros profissionais) que estão concorrendo. Então, os intérpretes se vêem obrigados a lidar com a pressão de interpretar simultaneamente um programa que é transmitido a muitos telespectadores ao vivo. Isso, adicionado à alta velocidade em que a interpretação deve ser feita e entregue,

devidamente ilustra a tensão entre o que é desejável do ponto de vista da tradução e o que é viável sob as circunstâncias, ou seja, por um lado, entre as normas de desempenho e padrões de qualidade do intérprete e, por outro lado, as restrições de processamento cognitivo resultantes principalmente das altas velocidades de entrega do texto fonte. (POCHHACKER, 2008, p. 8, tradução nossa).¹

À alta velocidade, soma-se a preocupação com o entendimento dos telespectadores, que podem ficar confusos ao ouvir os dois áudios sobrepostos (língua de partida no fundo, língua de chegada sobreposta). Por isso, Pöchhacker afirma que “a interpretação simultânea transmitida ao vivo é reconhecidamente uma das formas mais desafiadoras e estressantes da tradução televisionada e de atividades de tradução em geral” (2007, p. 123, tradução nossa).²

No contexto de uma cerimônia de premiação como o Emmy, o intérprete deparará com essas dificuldades e com a espontaneidade dos discursos dos ganhadores – ainda que essa espontaneidade possa ser relativizada, já que nada é completamente espontâneo na TV (GARZONE; VIEZZI, 2002, p. 211). Nesse tipo de evento, é grande a quantidade de trocadilhos, piadas e referências culturais, o que aumenta, ainda, a dificuldade de se realizar uma interpretação ligeira e satisfatória do ponto de vista do entendimento e da apreciação do telespectador.

Com frequência, a estratégia que os intérpretes encontram quando estão nessa situação de pressão e rapidez é a omissão, que é ou não percebida pelo público. A

¹ This statement vividly illustrates the tension between what is translationally desirable and what is feasible under the circumstances, i.e. between the interpreter’s own performance norms and quality standards, on the one hand, and the cognitive processing constraints resulting mainly from high source text delivery speeds, on the other.

² Live broadcast simultaneous interpreting on television is widely acknowledged as one of the most challenging and stressful forms of screen translation, and translational activity in general.

identificação de omissões realizadas por intérpretes simultâneos passou a ser mais frequentemente estudada a partir dos anos 1980, não de maneira a julgá-las como erros, habilidades linguísticas deficientes, falta de conhecimento extralinguístico ou más condições de entrega do texto fonte (GILE, 2015, p. 593), mas como características esperadas – às vezes, desejáveis – de sua tarefa. Anthony Pym alega que “os argumentos parecem ser ‘a favor’ ou ‘contra’ a omissão, com poucas tentativas para responder à questão se esta é ‘válida’ ou ‘inválida’” (PYM, 2008, p.6, tradução nossa)³ dessa forma, a pesquisa analisou as omissões considerando se estas foram necessárias ou feitas estrategicamente.

Com base nessa discussão, o presente estudo tem por objetivo central identificar e analisar as omissões feitas pelos intérpretes do Emmy 2018. Incentivada pela questão “as omissões são deliberadas?”, a pesquisa partiu da hipótese de que as omissões são necessárias na prática da interpretação simultânea de uma cerimônia transmitida ao vivo como a do Emmy, pois os intérpretes têm de fazer escolhas muito rápidas quanto à tradução de piadas, referências culturais de difícil transposição e até mesmo de trechos que não conseguem entender. Também é nossa hipótese que a omissão nem sempre prejudica o resultado da interpretação como um todo.

Por meio da análise dessas omissões praticadas pelos intérpretes, podem-se problematizar os saltos como estratégias e/ou escolhas conscientes e necessárias por parte desses profissionais. Por outro lado, também é possível identificar erros, como trechos importantes do discurso fonte não identificados no discurso de chegada. Assim, a partir da análise, propõe-se uma possível categorização: a omissão por estratégia e a omissão por erro.

Para cumprir o objetivo proposto, em um primeiro momento, foram escolhidos trechos da premiação Emmy conforme a possibilidade de ouvir bem o discurso de partida e de chegada, nos quais foram identificadas omissões feitas pelos intérpretes. Outro critério para essa escolha foi a possibilidade de se ouvir bem o discurso de partida e o de chegada, de modo que se pudesse fazer transcrições fidedignas. Após a transcrição das passagens selecionadas,

³The arguments seem to be “for” vs. “against” omission, with very few attempts actually to answer the question of “valid” vs. “invalid” omission.

empreendeu-se a análise e, com base nela, a proposição das duas categorias de omissão.

Para tanto, este estudo baseia-se nas considerações, sobretudo, de Daniel Gile (2015), Franz Pöchhacker (1995; 2008) e Anthony Pym (2008). Quanto aos estudos de interpretação no Brasil, o trabalho se baseou também nas reflexões de Reynaldo José Pagura (2010). No campo específico de estudos na área de interpretação midiática, são levadas em consideração as noções propostas por Gabriele Mack (2000) e Ewandro Magalhães Jr. (2007).

O trabalho está dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo expõe uma contextualização dos estudos da interpretação, principalmente a midiática e seus desafios. O segundo capítulo mostra os referenciais teóricos que nortearam este trabalho e o terceiro capítulo apresenta a proposta desta pesquisa, juntamente com os exemplos de omissões encontrados no discurso da premiação Emmy e suas análises.

Capítulo 2

Referencial teórico: a interpretação midiática

Este trabalho baseia-se, sobretudo, nas considerações a respeito dos Estudos da Interpretação na área midiática, focando-se nas omissões realizadas por intérpretes simultâneos na transmissão ao vivo de uma premiação. Como há, porém, um número limitado de estudos que abordem especificamente omissões na interpretação de transmissões televisivas, foi preciso recorrer a propostas teóricas do campo da interpretação simultânea em geral (PÖCHHACKER, 1995; PYM, 2008; GILE, 2015) e da interpretação simultânea de conferências (JONES, 2014).

Os três itens a seguir apresentarão, respectivamente, considerações a respeito de omissões (2.1), dos desafios enfrentados pelos intérpretes na interpretação simultânea (2.2) e, em específico, na interpretação midiática (2.3). Essas foram as considerações teóricas que fundamentaram a análise apresentada no Capítulo 3.

A omissão na interpretação

Primeiramente, é relevante destacar que se parte da definição de interpretação como uma atividade imediata, que acontece no “aqui e agora” e é dirigida a pessoas que queiram participar de uma comunicação dificultada por barreiras linguísticas e culturais (PÖCHHACKER, 2008, p. 10).

Há muito as omissões têm sido tema de estudos sobre a interpretação. Já na década de 1960, algumas omissões praticadas por intérpretes simultâneos começaram a ser vistas como bem-vindas, pois a quantidade de discurso a ser interpretado exige, com frequência, uma estratégia de “compressão”, hoje mais conhecida como condensação ou adaptação (PÖCHHACKER, 2008, p. 134).

Na década de 1970, Henri C. Barik descreveu tipos de “omissões, adições e erros” (*omissions, additions and errors*) na interpretação simultânea, partindo da noção de que omissões são “itens presentes na versão original que são deixados de fora da tradução produzida pelo T”⁴ (BARIK, 1971, p. 200), ou seja, trata-se de um

⁴ “items present in the original version which are left out of the translation by the T.”

material percebido como ausente na versão final produzida pelo intérprete. Ao propor subcategorias de omissões, Barik descreve como *skipping omission* (algo como “pequeno salto”) aquela que não impacta relevantemente a mensagem e que, na maioria das vezes, é aceitável. É o caso, por exemplo, de hesitações e repetições do falante não traduzidas pelo intérprete, e também de adjetivos que impactam pouco o entendimento da ideia. Na *skipping omission*, não há modificação na estrutura do discurso. Já o que Barik chama de *comprehension omission* (algo como “omissão por compreensão”) abrange omissões provocadas por falta de entendimento por parte do intérprete, que salta uma parte da fala por não ter conseguido ouvir e/ou traduzir o texto fonte (BARIK, 1971, p. 201). Além dessas duas categorias, Barik sugere a *delay omission* (algo como “omissão por atraso”) para descrever ocasiões em que o intérprete não consegue acompanhar o ritmo do falante e, por isso, acaba perdendo parte do material a ser interpretado e a *compounding omission* (algo como “omissão por reformulação”), em que, ao recombina diferentes elementos frasais de uma nova maneira, o intérprete acaba omitindo parte do sentido original (BARIK, 1971, p. 201).

Para Pöchhacker (2008), as descrições propostas por Barik foram fundamentais para o desenvolvimento do estudo (empírico ou teórico) de omissões no âmbito dos Estudos da Interpretação. A partir dos anos 1990, estudiosos passaram a considerar determinadas omissões – e também adições – necessárias para garantir a acurácia da interpretação (PÖCHHACKER, 2008, p. 143) e, inclusive, como estratégias desejáveis no ato da interpretação.

Entre os que argumentam em favor da omissão como estratégia para a interpretação simultânea está Roderick Jones (2014), que recomenda didaticamente técnicas como reformulação, simplificação, generalização e omissão para intérpretes de conferências. Para Jones, quando o intérprete não possui a versão escrita do discurso que está produzindo em outra língua, é justificável que ele aplique essas técnicas de modo a possibilitar o seu trabalho.

Jones ressalta que o importante é não perder “elementos essenciais” (*essential elements*) do discurso fonte, podendo deixar de lado detalhes ilustrativos e acessórios (JONES, 2014, p. 102). Essas omissões são necessárias, segundo ele, sobretudo quando a fala é muito rápida ou, por alguma razão, difícil de acompanhar – o que,

pode-se dizer, é o caso também da interpretação simultânea de um evento televisivo como o Emmy.

Intérpretes na corda bamba

A dificuldade de realizar a interpretação de um programa de televisão ao vivo fica evidente quando se considera o Modelo dos Esforços delineado por Daniel Gile (2015). Segundo ele, os principais componentes operacionais da interpretação, ou “esforços” seriam: o Esforço de Audição e Análise, referindo-se à escuta do intérprete do discurso fonte; o Esforço de Produção, referindo-se à produção simultânea da fala, no caso da interpretação simultânea; e o Esforço da Memória de Curto Prazo, abrangendo operações de memória a partir do momento em que o segmento de voz (a ser interpretado) é ouvido (GILE, 2015, p. 593-594). A esses, Gile acrescenta o Esforço de Coordenação, que é necessário para coordenar e direcionar a atenção entre os três esforços.

Partindo desse Modelo dos Esforços na Interpretação Simultânea entre línguas faladas, Gile (2015) lança a Hipótese da Corda Bamba, aplicada “apenas à fase da audição” (p. 595). Sua proposta é de que “intérpretes trabalham perto do nível de saturação” (p. 599), ou seja, na “corda bamba”. Essa saturação é fruto de uma concorrência entre os esforços despendidos na interpretação: quando um se sobrepõe demais aos outros, gera problemas. Assim, os erros cometidos por intérpretes simultâneos não necessariamente estão relacionados à dificuldade do discurso-fonte, mas sim ao nível de saturação experimentado em determinados momentos de sua tarefa. Quando não há “gatilhos” perceptíveis no discurso-fonte, que segundo a hip os problemas na interpretação só podem ser decorrentes da capacidade cognitiva do intérprete naquele momento.

Concomitantemente, Gile fala da hipótese da existência de “gatilhos de problemas”: como “os intérpretes trabalham perto do nível de saturação, até mesmo requisitos limitados de atenção adicional poderiam levar a falhas” (p. 599). De fato, isso fica nítido na tarefa dos intérpretes do Emmy 2018, como será exemplificado no próximo capítulo. Quando um esforço a mais – por exemplo, um áudio mais baixo ou mais difícil de entender – lhes é requisitado, a tendência é que se percam, pois sua

atenção já está saturada. É preciso lembrar que, embora a rapidez seja sempre desejada na interpretação simultânea, no caso da interpretação televisiva espera-se, idealmente, que a voz do intérprete cubra a do falante original ao mesmo tempo em que fique coordenada com o que é mostrado na tela – ou seja, a pressão pela rapidez é ainda maior (KURZ, 1997, p. 197).

Outra hipótese elencada por Gile (2015) que pôde ser facilmente contemplada na análise da interpretação do Emmy 2018 é quando há “baixa redundância” no discurso ouvido, problemas de interpretação também podem ser desencadeados. Isso se aplica à interpretação simultânea de uma cerimônia de premiação à medida que boa parte do que é interpretado é – ao menos, em parte – espontâneo. Ou seja, o discurso tende a ser menos redundante e mais inesperado. Diante de possíveis “surpresas” com as quais têm de lidar, os intérpretes podem acabar gerindo mal a sua atenção (GILE, 2015, p. 599). Existe, assim, um princípio geral aplicado à interpretação simultânea: de que alguns “gatilhos” determinam falhas na tarefa dos intérpretes.

Além disso, há estudos, como o de Lamberger-Felber (2001), que mostram que intérpretes erram menos quando têm em mãos a transcrição ou, ao menos, um roteiro do que será falado, especialmente no que diz respeito a números, nomes e outras informações específicas. Disso, pode-se depreender que, como os dois intérpretes do Emmy 2018 não tinham acesso a nenhum manuscrito prévio dos discursos de agradecimento dos premiados – que, a princípio, são totalmente espontâneos –, a sua chance de errar é, naturalmente, maior.

Isso não significa, porém, que toda omissão seja um erro. A proposta deste trabalho é, justamente, separar a omissão em duas categorias principais: 1) omissão estratégica e 2) omissão por erro. Nem sempre é possível detectar qual é a natureza de cada omissão, mas a análise apresentada no próximo capítulo buscará essa elucidação em alguns casos particulares.

É relevante ressaltar que, ainda que não seja um ideal para o intérprete (GILE, 2015), não necessariamente a omissão atrapalha a comunicação, como defende Pym (2008). No caso da interpretação de conferências, por exemplo, a omissão é esperada, pois pode melhorar o discurso do intérprete – faz parte de seu trabalho

omitir hesitações e repetições (PYM, 2008, p. 4). Portanto, a necessidade de omissões está muito relacionada ao contexto em que a interpretação é realizada e ao contexto do discurso em si. Para o público de uma conferência, por exemplo, não é interessante ouvir interpretadas todas as repetições do palestrante. Nesse caso, omissões fazem parte de uma interpretação de alta qualidade, o que não equivale a uma interpretação de tudo que é dito (PYM, 2008, p. 5). O mesmo se poderia dizer, talvez, sobre o espectador de uma cerimônia televisionada: espera-se que os intérpretes omitam hesitações e repetições excessivas.

Um ponto interessante levantado por Pym (2008) é o de que a omissão estratégica também envolve esforço, assim como a audição, a produção e a coordenação sugeridas por Gile em seu Modelo dos Esforços. Afinal, o intérprete “opta”, ainda que rápida ou automaticamente, por uma omissão. Isso significaria que, somado aos outros, o esforço de omissão coloca o intérprete ainda mais na “corda bamba”.

Pym problematiza a questão não como um campo dividido em “a favor” ou “contra” omissões, já que estas fatalmente ocorrem. Em vez disso, propõe a ideia de omissões válidas (*valid*) e não válidas (*invalid*), na qual se baseia a categorização aqui proposta de omissões por estratégia (válidas) e por erro (não válidas). As omissões válidas, ou de baixo risco (*lowrisk*) seriam aquelas que não prejudicam o alcance do objetivo da comunicação (PYM, 2008, p. 6).

Intérpretes televisivos: desafios próprios

Embora haja coincidências entre o trabalho do intérprete simultâneo de conferências e do intérprete de transmissões ao vivo pela TV, certamente não são experiências idênticas. Como conclui Mack (2002) em um breve estudo que discute possíveis especificidades da interpretação televisiva (*television interpreting*), esta mereceria mais atenção por parte de pesquisadores (p. 211).

Primeiramente, é preciso salientar que a interpretação é o modo mais imediato e mais barato de assegurar que telespectadores entendam a comunicação verbal de determinada transmissão (MACK, 2000, p. 208). Porém, quando um programa é transmitido mais uma vez posteriormente – como acontece com frequência com a

cerimônia do Oscar, por exemplo, e também com entrevistas coletivas e discursos políticos –, em geral a interpretação simultânea é substituída por legendagem ou, mais raramente, por dublagem. Isso pode ser indicativo de que a interpretação simultânea, embora seja a solução mais adotada para transmissões ao vivo, é, na verdade, pouco apreciada, por isso é substituída assim que possível.

O intérprete midiático/televisivo deve atender à expectativa dos telespectadores e encontrar o seu lugar em um meio eminentemente audiovisual (MACK, 2000, p. 208-209). Sua performance será vista por milhares de pessoas e não deve destoar do tom desejado por aquela determinada programação. Como o Emmy – assim como outras cerimônias norte-americanas similares, como a do Oscar e do Grammy – preza pelo bom-humor e pelo dinamismo, certamente o que o canal que contrata os intérpretes e o que os telespectadores esperam é que a interpretação seja também bem-humorada e dinâmica, expressando o tom da cerimônia. O papel do intérprete, nesse contexto, é marcadamente performático: “Há na interpretação um elemento performático que não se verifica na tradução. (...) [O intérprete] é co-criador do espetáculo. É o artista por trás da magia da tradução instantânea”, afirma Magalhães (2007, p. 173) referindo-se à interpretação em geral. Pode-se dizer que a midiática é, naturalmente, ainda mais performática.

Kurz lembra diversos aspectos específicos da interpretação midiática de programas de televisão que se diferenciam com relação a outros tipos de interpretação simultânea. Em primeiro lugar, os intérpretes têm de trabalhar tarde da noite (como no caso do Emmy) e sem um roteiro prévio. Além disso, há um fator emocional relevante, pois os intérpretes sabem que estão sendo acompanhados por dezenas de milhares e, às vezes (como pode acontecer no Oscar, por exemplo), por milhões de pessoas. O estresse emocional aumenta ainda mais diante da possibilidade de críticas públicas. Telespectadores leigos não compreendem a dificuldade de se interpretar as falas de uma cerimônia de entrega de prêmios, esperando dos intérpretes a precisão e a desenvoltura dos apresentadores e jornalistas que estão acostumados a ver na TV (KURZ, 1997, p. 197)

Do ponto de vista técnico, é preciso que intérpretes televisivos tenham acesso a instrumentos fundamentais para o seu bom desempenho, como fones de ouvido com controle de volume (KURZ, 1997, p. 196). Trabalhar em ambientes – na sede do

canal de TV, por exemplo, ou em um estúdio de gravação improvisado – em que há circulação de pessoas durante a transmissão dificulta, também, o trabalho do intérprete, que pode se distrair com perturbações variadas (KURZ, 1997, p. 197).

A interpretação midiática/televisiva envolve, ainda, decisões editoriais do canal que está transmitindo o evento ou da própria legislação do país (KURZ, 1997, p. 198). É possível que palavrões devam ser evitados – como se verá em um exemplo no próximo capítulo – e que determinadas opiniões de ordem religiosa ou política sejam ou omitidas, ou expressas de maneira menos contundente que no discurso original.

Todos esses são fatores que contribuem para uma situação especial de interpretação simultânea, que desafia intérpretes de maneiras particulares. No entanto, não se pode perder de vista que intérpretes são treinados para lidar com esses desafios:

Tradução simultânea não é só arte e improviso. É também ciência e método. Por vezes, pode haver qualquer coisa de quântico e mediúnico, mas uma 'incorporação' bem-sucedida requer um esforço bem conduzido de preparação e uma dinâmica de dupla bem azeitada. Requer a mais absoluta concentração, sem perder de vista qualquer elemento periférico de comunicação: os gestos do colega, a reação da platéia, o texto dos slides, a linguagem corporal do palestrante. (MAGALHÃES, 2007, p. 137)

Magalhães está se referindo, como se vê, à interpretação de conferências. Mas o mesmo pode ser aplicado à interpretação midiática: o intérprete, além de precisar de total concentração em sua tarefa, precisa prestar atenção à corporeidade dos falantes e às reações da platéia. Sua atenção tem de estar inteiramente focada na transmissão da cerimônia.

Capítulo 3

Omissão como estratégia e omissão como erro: uma proposta

Nesta seção, foi realizada a análise de trechos selecionados da cerimônia do Emmy Awards 2018, transmitido no Brasil em 17 de setembro de 2018 pelo canal de TV por assinatura TNT. Os intérpretes responsáveis pela interpretação simultânea durante a transmissão foram Regina McCarthy e Felipe Simões.

Primeiramente, é preciso ressaltar que a seleção dos trechos foi feita com base em dois critérios principais: 1) a possibilidade de entendimento claro das falas em inglês (ouvidas “por baixo” da interpretação simultânea); 2) a presença de omissões significativas – de, pelo menos, duas palavras – na interpretação. Também não foram consideradas passagens em que o apresentador principal fala textos prontos, lidos no *teleprompter*, mas falas menos ensaiadas e/ou espontâneas de apresentadores dos prêmios e, sobretudo, dos ganhadores. Isso porque o nível de espontaneidade parece ser maior e, por isso, pode desafiar mais os intérpretes – embora se deva afirmar essa “espontaneidade” com reservas, já que a televisão costuma simular ou até forçar espontaneidade (MACK, 2000, p. 211). A espontaneidade total “é, em geral, evitada, por ser considerada arriscada demais”⁵.

Além disso, a presente análise propõe uma categorização: omissão por estratégia e omissão por erro. A primeira considera que a omissão é uma estratégia por parte do intérprete, para poupar tempo ou com o intuito, ainda que inconsciente, de ajudar na compreensão dos telespectadores. Já a segunda considera que não seja uma estratégia, mas sim um erro, devido à rapidez, a dúvidas de vocabulário e a problemas externos, como falta de qualidade do áudio e barulho da platéia, entre outros.

Para ilustrar o que foi dito acima, será mostrado exemplos de alguns discursos proferidos na cerimônia Emmy Awards em que se notam as omissões por erro e por estratégias, juntamente com uma análise destas.

⁵ “is generally avoided, because it is considered too risky”.

Exemplos I e II: corda bamba

O primeiro caso abordado diz respeito ao momento em que Merritt Wever, uma atriz norte-americana, ganha o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante em Minissérie ou Filme por interpretar a personagem Mary Agnes na série *Godless* (37min37seg):

<p>MW: <u>I wanted to be a grown up about this,</u> but I wanted to say congratulations to the other nominees, <u>it was, it's very much an honor</u> to be counted among you tonight.</p>	<p>INT (F): Eu quero dizer parabéns aos outras [sic] indicadas, <u>é uma honra</u> estar entre vocês hoje, é uma coisa maravilhosa.</p>
---	--

Percebem-se duas omissões nesse discurso. A primeira delas é de uma oração inteira, “*I wanted to be a grown up about this*”, que não é interpretada. Há indicações de que a intérprete não ouviu o que a atriz disse, pois se confundiu em uma fala anterior. Ao tentar se corrigir foi perdida essa primeira parte do discurso. Observa-se na passagem imediatamente anterior a essa:

<p>MW: Oh I'm so sorry, I... I really appreciate this and I really hope that you don't mistake my fear right now for a lack of gratitude. I'm so... I just wanted to say hello and congratulations, I came prepared <u>and it's bumming already.</u></p>	<p>INT (F): Desculpem, eu... Eu... Eu aprecio muito isso e eu acho que, espero que vocês não pensem que o meu medo seja falta de gratidão, mas eu quero dizer olá e parabéns. Eu vim preparada, <u>mas tá dudo dando, tá tudo dando errado.</u></p>
---	--

Pode-se dizer que se trata, provavelmente, de um exemplo de omissão desencadeada pelo efeito “corda bamba” (GILE, 2015), já que, ao ter se confundido na interpretação desse último trecho (“*tá dudo dando, tá tudo dando errado*”) e tentado retomar a seguir o fluxo de interpretação, a atenção e a concentração da intérprete parecem ter chegado a um nível de saturação (MORAIS, 2018, p.19), o que a levou à omissão no início seguinte (em que ela saltou “*I wanted to be a grown up about this*”). Depois, ela consegue recuperar a concentração e apenas omite “*it was, it's very much an honor*” (interpretado apenas como “é uma honra”), nesse caso, claramente uma omissão por estratégia – já que se recomenda que repetições e superlativos sejam omitidos

propositadamente na interpretação, de modo que essa ganhe rapidez e fluidez (PÖCHHACKER, 1995). Mesmo não enfatizando que foi e ainda é uma honra (para a atriz), a interpretação dessa forma não parece ter prejudicado o entendimento de que a atriz se sentiu honrada, ainda sendo perceptível o quanto ela se sentia honrada. Além disso, no áudio original, Merritt Wever diz o “*it was*” em voz baixa, então se pode supor, ainda, que a intérprete não tenha conseguido ouvir, ou até mesmo que a própria atriz tenha se confundido ao dizer “*it was*”.

Assim, temos no exemplo descrito os dois tipos de interpretação aqui propostos: por erro e por estratégia. Pode-se distinguir uma da outra porque uma deixa de comunicar algo que pode ser relevante para os espectadores (“*I wanted to be a grown up about this*”), enquanto a segunda não prejudica o entendimento do conteúdo e até “limpa” o discurso.

Outro caso de pequena omissão aceitável e até desejável se dá a seguir:

<p>MW: ... There is a lot of people I wanna thank, <u>but I think I'm gonna try and do it in private.</u></p>	<p>INT (F): ... Tem muitas pessoas a quem eu quero agradecer, <u>mas eu vou fazer particularmente.</u></p>
--	---

A adaptação ocorre quando Merritt Wever diz: “*but I think I'm gonna try and do it in private*” e a interpretação se dá da seguinte maneira: “mas eu vou fazer particularmente”. Em primeiro lugar, pode-se argumentar que “fazer particularmente” não é uma tradução ideal nesse contexto (algo como “fazer isso pessoalmente” talvez ficasse melhor), mas o foco desta discussão é a omissão de “*I think I'm gonna try*”, isto é, algo como “Acho que vou tentar”. Essa é mais uma omissão por estratégia, já que a ausência desse trecho não prejudica o entendimento da mensagem.

O segundo caso em que parece ser comprovada a hipótese da “corda bamba” diz respeito ao agradecimento de Thandie Newton. Ao ganhar o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante em Série Dramática por interpretar Maeve na série *Westworld* (1h20min), ela fez um discurso enfatizando o quão se sente abençoada e homenageou a sua família. No início, ela quase deixa escapar um palavrão:

<p>TN: I don't even believe in God, but I'm gonna thank her tonight. I am so blessed, I am so blessed, <u>without this I'm even so f... blessed.</u></p>	<p>INT (F): Eu... Não acredito em Deus, mas eu vou agradecer a Ela hoje a noite. Eu sou tão abençoada... <u>Sem... Sem isso eu já... já era abençoada...</u></p>
---	---

Nessa ocorrência, há um atraso em sua fala, uma hesitação. Quando disse “*without this I'm even so...blessed*”, originalmente ia falar um palavrão, mas, ao se dar conta de onde estava –na televisão aberta, o uso de palavrões costuma ser evitado ao máximo –, para de falar, expressa uma reação de surpresa e depois continua seu discurso. Seria possível supor que a intérprete tenha hesitado mais vezes para esperar a atriz terminar a frase e assim ter a compreensão total do que ela estava querendo dizer.

<p>TH: ... I've got 5 seconds, my family, <u>my daughter Ripley turns 18 today</u> and <u>I get to guide you</u> and love you and protect you, <u>which is my north star</u>, I love you so much baby, thank you, thank you for this.</p>	<p>INT (F): ... Eu só tenho 5 segundos, minha família, minha filha e <u>eu libero vocês</u> e protejo vocês, <u>você é minha estrela do norte</u>, eu te amo, obrigada.</p>
--	--

Nesse segmento, ocorrem omissões e/ou equívocos, ilustrando a tendência de que, quando o intérprete se distrai ou se concentra demais para resolver um problema (no caso, a questão do palavrão), é difícil retomar a seguir o eixo. O trecho “my daughter Ripley turns 18 today” (“minha filha Ripley está fazendo hoje 18 anos”) foi omitido pela intérprete, que a seguir comete um equívoco ao traduzir “I get to guide you” [algo como “eu tenho a oportunidade de guiar/orientar você(s)"] por “eu libero vocês”. Ainda um pouco adiante, a atriz dá a entender que é impulsionada por esse desejo de proteger e guiar a família ou a filha Ripley, especificamente – não fica claro, pois, graças à emoção de ganhar o prêmio, seu raciocínio não é linear. A interpretação, no entanto, reduz a “você é minha estrela do norte”; não apenas “estrela-guia” talvez fosse uma tradução melhor, como a atriz não necessariamente está se referindo apenas à filha.

Pode-se notar, mais uma vez, que um erro pode desencadear outros na interpretação simultânea, já que os esforços de audição e de produção podem ficar descoordenados diante de uma dificuldade ou de uma dúvida.

Exemplos III, IV e V: manutenção do humor

As premiações televisivas são muito conhecidas pelo uso de piadas e trocadilhos por seus apresentadores. Isso constitui um desafio para os intérpretes, visto que muitas vezes essas piadas estão carregadas de referências culturais, podendo resultar ou na omissão ou em uma interpretação genérica do humor, uma vez que os intérpretes nem sempre têm tempo o suficiente para pensar em uma solução, sobretudo quando as piadas requerem uma contextualização maior para que sejam compreendidas pelos telespectadores brasileiros.

Um momento de omissão relacionada ao humor ocorre quando Larry David, ator, escritor, comediante, diretor e produtor norte-americano, e Rachel Brosnahan, atriz norte-americana, entram ao palco para apresentar o prêmio de Melhor Ator em Minissérie ou Filme (1h):

RB: Nice to be up here, Larry.	INT (F): É legal estar aqui com você, Larry.
LR: Yeah, yeah, it's nice... it's nice. Very nice, lovely, it's lovely.	INT (M): É legal, legal, bem legal, muito legal.
RB: What's wrong?	INT (F): Que que ta errado?
LR: <u>I can't do the banter, I can't.</u>	INT (M): Eu não consigo fazer isso.

Nesse contexto, a expressão “*do the banter*” parece significar uma conversa que não é séria e sim divertida, cheia de jogos de palavras e ironias. Ela poderia ser traduzida no português como “ficar de gracinha/brincadeirainha” ou, mais informalmente, “ficar de zoeira”. O intérprete omite essa ideia, porém, fazendo uma adaptação genérica com “eu não consigo fazer isso”. Como isso prejudica o humor da

fala, pode-se supor que tenha sido uma omissão por erro – seja de entendimento de vocabulário, seja por causa da rapidez da tarefa.

Na “correria” da interpretação simultânea, é possível que intérpretes às vezes entendam o que quer dizer, mas que não consigam encontrar rapidamente um equivalente em sua língua. Uma possível tática para esses momentos é interpretar genericamente, como nesse caso, mas isso não exclui esse tipo de omissão da categorização “por erro”, já que há prejuízo de humor – e este é um elemento chave dos discursos de premiações televisivas como um todo, e com o Emmy não é diferente.

O próximo exemplo diz respeito a uma piada ensaiada, provavelmente lida no *teleprompter* (portanto, não espontânea como no caso dos discursos de ganhadores dos prêmios), encenada pela comediante Samantha Bee e pela atriz Taraji P. Henson ao apresentarem o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante em Série Dramática (1h16min).

<p>TPH: Samantha, what’s your favorite drama this year?</p> <p>SB: My favorite drama, ok. Good question, <u>good question</u>. I’ve been watching this very <u>shocking</u> dystopian drama called The News. I’m on approximately season 9,000. <u>It gets darker and darker, but I can’t stop watching</u>. You know, they really need to recast the lead. I prefer Robin Wright. Anyway, don’t recommend it. <u>Just watch The Handmaid’s Tale instead</u>, it’s a lot <u>more</u> fun.</p>	<p>INT (F): Samantha, qual o seu drama favorito esse ano?</p> <p>INT (F): Meu drama favorito? Boa pergunta. Eu estou maratonando esse drama distópico chamado As Notícias. Estou na temporada 9 mil, aproximadamente. <u>Fica pior e pior</u>, mas eles precisam mudar o ator principal. Eu prefiro a Robin Wright. Eu não recomendo, <u>é só, é melhor assistir The Handmaid’s Tale</u>, é bem melhou [sic]. Realmente, é bem divertida.</p>
---	---

Embora, em toda essa passagem, a intérprete tenha se mostrado ligeira, com uma tradução fluida, pode-se argumentar que a piada de cunho político ficou um

pouco prejudicada em português devido à reformulação nas frases finais de comparação entre “As Notícias” (portanto, a realidade norte-americana do momento) e *The Handmaid’s Tale*, que é uma série distópica baseada na obra homônima (traduzida no Brasil como *O Conto da Aia*) de Margaret Atwood. Para a comediantes, assim, a realidade ultraconservadora da série seria “muito mais divertida” (“a lot more fun”) do que o momento atual no país – uma clara referência ao governo de Donald Trump, que seria o “ator principal” a que a comediantes se refere.

Nesse trecho, pode-se argumentar que a omissão do segundo “good question” e do “shocking” são estratégicas, e que a substituição de “but I can’t stop watching it” por “maratonando” foi uma escolha não apenas estratégica, como bastante perspicaz por parte da intérprete. O “fica pior e pior” como tradução de “it gets darker and darker”, por sua vez, prejudica a piada que virá a seguir, pois não é apenas uma questão de ficar pior, mas de ficar mais sinistro ou assustador. Por fim, a maneira mais direta com que a comediantes compara a realidade à distopia televisiva em inglês (“Just watch the Handmaid’s Tale instead, it’s a lot more fun”) é mais cortante e compatível com o humor ácido que ela busca do que a maneira entrecortada com que a intérprete a enunciou em português (“é só, é melhor assistir *The Handmaid’s Tale*, é bem melhou. Realmente, é bem divertida”).

Um exemplo final em que parece não ter havido prejuízo no humor deu-se quando Matthew Rhys, ator galês e protagonista da série *The Americans*, ganha o prêmio de Melhor Ator em Série Dramática (1h21min). Fazendo referência a um pedido público de casamento realizado anteriormente na mesma cerimônia do Emmy, ele brinca sobre um aviso de sua namorada, a atriz Kerri Russell:

<p>Matthew Rhys: We have a casting crew that <u>you could only wish for in a fairy tale</u>. Noah Emmerich, the least of all the facilitators of this amazing risk <u>our fearless commander in chief at FX</u> so John Landgraf at his very merry band of men and women. <u>John Stalberg, Eric (?)</u>, I thank you for getting me to this award ceremony, <u>the beautiful brigade that is ambient television just in Frank and Falvey</u>. It <u>seems real big, thank you. Thank you, FX. Thank you, Amblin.</u> And, finally, <u>to the woman who truly got me this award</u>, who just stands in front of me every day and puts up with me, she said: <u>if you propose to me I will punch you clean in the mouth</u>. I don't have the words, I don't have the time, <u>neither which would do you justice, Kerri, accept thank you more to come.</u></p>	<p>INT (M): Um elenco que a gente só podia <u>esperar de um conto de fadas, de fadas</u>. E os grandes facilitadores desse grande risco, John Landgraf, criou esse bando de homens e mulheres incrível. Obrigado por me trazerem nessa cerimônia, todo mundo que tá aí na televisão, [nome próprio (?)], obrigado. Obrigado, <u>Emily</u>. E, finalmente, <u>às mulheres que me deram esse prêmio</u>, e que fica na minha frente todo o tempo, todos os dias, e que me aguenta o tempo todo, e que me falou: <u>se você me pedir em casamento eu vou te socar na boca</u>. Eu não tenho as palavras, nem o tempo. <u>Kerri, nem nada posso dizer. Obrigado, muito obrigado.</u></p>
--	---

Como se pode notar, o discurso de Rhys – proferido de forma muito rápida – é bastante complicado, pois suas frases não são lineares nem lógicas. Ele também cita diversos nomes de pessoas que trabalham na série, o que dificulta ainda mais o trabalho do intérprete. Este parece ter feito o que pôde: salta nomes próprios; equivoca-se no caso de “Amblin” (que ele interpretou como “Emily”); usa um plural equivocado em “às mulheres que me deram esse prêmio” (como tradução de “to the woman who truly got me this award”); e, comicamente, confunde-se ao dizer conto de fadas, pronunciando da primeira vez “conto de fadas” e corrigindo-se em seguida. Ao final, não consegue, ainda, interpretar o agradecimento à namorada de Rhys, traduzindo “neither which would do you justice” por “nem nada posso dizer”.

O curioso nesse caso, porém, é que a piada, que pode ser considerada o trecho mais relevante do ponto de vista do entretenimento do espectador, se manteve. Em inglês, Rhys diz “if you propose to me, I’ll punch you clean in the mouth”, o que foi traduzido pelo intérprete como “se você me pedir em casamento, eu vou te socar na boca”. Nesse caso, justamente graças à facilidade do vocabulário e da enunciação do ator, o trecho mais bem-humorado de sua fala foi recriado pelo intérprete sem grandes dificuldades, apesar de todas as omissões por erro praticadas ao longo do discurso.

Proposta de classificação dos exemplos

Para uma melhor visualização, abaixo está um tabela com todos os exemplos dados acima e as respectivas categorias propostas para cada um deles:

(I)	MW: <u>I wanted to be a grown up about this,</u> but I wanted to say congratulations to the other nominees, <u>it was, it’s very much an honor</u> to be counted among you tonight.	INT (F): Eu quero dizer parabéns aos outras [sic] indicadas, <u>é uma honra</u> estar entre vocês hoje, é uma coisa maravilhosa.	Omissão por erro Omissão por estratégia
(I)	MW: ... There is a lot of people I wanna thank, <u>but I think I’m gonna try and do it in private.</u>	INT (F): ... Tem muitas pessoas a quem eu quero agradecer, <u>mas eu vou fazer particularmente.</u>	Omissão por estratégia
(II)	TN: I don’t even believe in God, but I’m gonna thank her tonight. I am so	INT (F): Eu... Não acredito em Deus, mas eu vou agradecer a Ela hoje a noite. Eu	

	blessed, I am so blessed, <u>without this</u> I'm even so... <u>blessed.</u>	sou tão abençoada... <u>Sem... Sem isso eu já... já era abençoada...</u>	Omissão por estratégia
(II)	TH: ... I've got 5 seconds, my family, <u>my daughter Ripley turns 18 today</u> and I get to guide you and love you and protect you, which is my north star, I love you so much baby, thank you, thank you for this.	INT (F): ... Eu só tenho 5 segundos, minha família, minha filha e eu libero vocês e protejo vocês, você é minha estrela do norte, eu te amo, obrigada.	Omissão por erro
(III)	RB: Nice to be up here, Larry. LR: Yeah, yeah, it's nice... it's nice. Very nice, lovely, it's lovely. RB: What's wrong? LR: <u>I can't do the banter, I can't.</u>	INT (F): É legal estar aqui com você, Larry. INT (M): É legal, legal, bem legal, muito legal. INT (F): Que que tá errado? INT (M): <u>Eu não consigo fazer isso.</u>	Omissão por erro
(IV)	TPH: Samantha, what's your favorite drama this year? SB: My favorite drama, ok. Good	INT (F): Samantha, qual o seu drama favorito esse ano? INT (F): Meu drama favorito? Boa	

	<p>question, <u>good question</u>. I've been watching this very <u>shocking</u> dystopian drama called The News. I'm on approximately season 9,000. It gets darker and darker, but I can't stop watching. You know, they really need to recast the lead. I prefer Robin Wright. Anyway, don't recommend it. <u>Just watch The Handmaid's Tale instead</u>, it's a lot <u>more</u> fun.</p>	<p>pergunta. Eu estou maratonando esse drama distópico chamado As Notícias. Estou na temporada 9 mil, aproximadamente. Fica pior e pior, mas eles precisam mudar o ator principal. Eu prefiro a Robin Wright. Eu não recomendo, <u>é só, é melhor assistir The Handmaid's Tale</u>, é bem melhou [sic]. Realmente, é bem divertida.</p>	<p>Omissão por estratégia</p> <p>Omissão por erro</p>
(V)	<p>Matthew Rhys: We have a casting crew that you could only wish for in a fairy tale. Noah Emmerich, the least of all the facilitators of this amazing risk <u>our fearless commander in chief at FX</u> so John Landgraf at his very merry band of men and women. <u>John</u></p>	<p>INT (M): Um elenco que a gente só podia esperar de um conto de fadas, de fadas. E os grandes facilitadores desse grande risco, John Landgraf, criou esse bando de homens e mulheres incrível. Obrigado por me trazerem nessa cerimônia, todo</p>	<p>Omissão por erro</p>

	<p><u>Stalberg, Eric (?)</u>, I thank you for getting me to this award ceremony, <u>the beautiful brigade that is ambient television just in Frank and Falvey. It seems real big, thank you. Thank you, FX. Thank you, Amblin.</u> And, finally, to the woman who truly got me this award, ___who just stands in front of me every day and puts up with me, she said: if you propose to me I will punch you clean in the mouth. I don't have the words, I don't have the time, <u>neither which would do you justice, Kerri, accept thank you more to come.</u></p>	<p>mundo que tá aí na televisão, [nome próprio (?)], obrigado. Obrigado, <u>Emily</u>. E, finalmente, <u>às mulheres que me deram esse prêmio</u>, e que fica na minha frente todo o tempo, todos os dias, e que me aguenta o tempo todo, e que me falou: se você me pedir em casamento eu vou te socar na boca. Eu não tenho as palavras, nem o tempo. <u>Kerri, nem nada posso dizer.</u> Obrigado, <u>muito obrigado.</u></p>	<p>Omissão por erro</p> <p>Omissão por erro</p>
--	---	--	---

Ao observar essa tabela com os discursos e suas respectivas categorizações, percebe-se que a omissão mais ocorrente é a por erro. Essa consiste na omissão feita quando o intérprete pode estar na “corda bomba” – quando está trabalhando perto do nível de saturação mental –, algo que, em um evento como o Emmy, no qual os

discursos têm pausas somente nos intervalos da transmissão, e os intérpretes não possuem uma prévia do que será falado, parece fácil de se alcançar.

Omissões também podem ser decorrentes da dificuldade do discurso fonte e por problemas externos, como áudio baixo e barulhos da plateia. Porém, considerando os exemplos dados, supõe-se que, por estarem trabalhando perto do nível de saturação, a maioria das omissões por erro praticadas pelos intérpretes pode ter sido causada por rápidas perdas de concentração. Notou-se que os intérpretes acabavam se perdendo por causa de um erro feito na fala anterior e não conseguiam retomar rapidamente o fluxo da interpretação.

As omissões por estratégia, de acordo com Gile (1995), consistem em soluções conscientes executadas pelos intérpretes para balancear a sobrecarga de capacidade de processamento e a inadequação da base de conhecimento. Como, em eventos televisivos ao vivo, os intérpretes simultâneos possuem pouco tempo para realizar a interpretação, eles procuram maneiras de não perder a fluidez dos discursos e/ou de não perder completamente o que está sendo dito, visto que alguns discursos podem ser longos e complicados. Nesses casos, a omissão se dá por estratégia.

Analisando os exemplos acima e levando em consideração que os intérpretes não possuem a versão escrita dos discursos, pode-se afirmar que as omissões não foram excessivas. Apenas duas omissões, pode-se argumentar, prejudicaram significativamente a construção do texto de chegada, nos exemplos (4) e (7). As omissões praticadas em casos de repetições, hesitações e quando realmente não atrapalham a compreensão do discurso fonte são bem-vindas e colaboram para o entendimento dos receptores da mensagem.

4 Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo analisar omissões percebidas na interpretação de alguns trechos da premiação Emmy Awards 2018, transmitida ao vivo no Brasil pelo canal por assinatura TNT em 17 de setembro de 2018. Os trechos foram selecionados principalmente graças à presença relevante de omissões na tradução oral produzida pelos intérpretes, mas também pela possibilidade de distinguir com clareza o discurso de partida e o discurso de chegada. Primeiramente, foi feita a transcrição das passagens; depois, foi empreendida a análise com base na revisão teórica desse campo de estudo e, a partir dela, foram propostas duas categorias principais de omissão na interpretação midiática: omissão por estratégia e omissão por erro.

De certa forma, a proposta aqui apresentada retoma e simplifica o que foi descrito por Barik (1971), que separou omissões praticadas por intérpretes simultâneos entre as que têm pouco impacto no entendimento da mensagem (por parte do receptor) e aquelas que prejudicam esse entendimento. Aproxima-se, ainda, do modelo didático sugerido por Jones (2014) ao argumentar em favor de omissões que não apenas são válidas, como também desejáveis – caso das omissões de repetições, hesitações e informações irrelevantes para o entendimento geral da mensagem.

A pesquisa também se focou em considerações de teóricos dos Estudos da Interpretação, sobretudo Daniel Gile e Franz Pöchhacker, e de estudiosos da área da interpretação midiática (ou televisiva), como Gabriele Mack. Textos de Anthony Pym, Ewandro Magalhães Jr. e Reynaldo José Pagura, entre outros, também foram importantes.

O resultado da análise empreendida sugere que a omissão por erro é aquela cometida quando o intérprete midiático se encontra na “corda bamba” (GILE, 2015), ou seja, trabalhando perto do nível de saturação mental; quando depara com “gatilhos” no discurso fonte, como dificuldades linguísticas ou culturais; ou quando enfrenta problemas técnicos, como um áudio muito baixo. Já a omissão estratégica, diferentemente da omissão por erro, é um feito consciente por parte do intérprete, que a utiliza para ganhar tempo, evitar repetições e hesitações e até mesmo melhorar um discurso.

Foram apresentados cinco exemplos (com 11 omissões ao todo) para demonstrar que é possível realizar essa categorização, ainda que, é claro, haja circunstâncias em que somente a análise – sem um experimento empírico – não é suficiente para classificar o tipo de omissão.

Este trabalho, portanto, pretende contribuir para a área de Estudos da Interpretação no Brasil, mais especificamente para o estudo da interpretação midiática/televisiva. Buscou-se mostrar que as omissões, quando bem gerenciadas, e em um contexto em que os intérpretes trabalhem sem pausas e sem prévia do que será dito, são esperadas e bem-vindas. Retomando Pym (2008), a discussão não deveria ser sobre a validade de omissões na interpretação simultânea, pois elas ocorrem e, muitas vezes, são necessárias. Cabe aos que estudam procurar entender essas ocorrências.

É importante ressaltar, por último, que este trabalho baseou-se em um recorte, podendo ser aprofundado em pesquisas futuras. Como possíveis encaminhamentos, pode-se sugerir a análise de outras ocasiões de interpretações midiáticas para confrontar com os resultados deste breve estudo e observar se eles se aplicariam.

Referências

- Barik, Henri C. *A Description of Various Types of Omissions, Additions and Errors of Translation Encountered in Simultaneous Interpretation*. *Meta*, v. 16, n. 4, 1971. p. 199-210.
- DELUMEAU, Jean. *El Catolicismo de Lutero a Voltaire*. Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1995.
- _____. Errors, omissions and infelicities in broadcast interpreting. In: ALVSTAD, Cecilia; HILD, Adelina; TISELIUS, Elisabet. *Methods and Strategies of Process Research. Integrative approaches in Translation Studies*. Nova York/Amsterdã: John Benjamins, 2011.
- _____. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea – uma contribuição. Tradução de Markus Johannes Weininger, Giovana Bleyer Ferreira dos Santos e Diego Maurício Barbosa. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, jul-dez 2015. p. 590-647
- KURZ, Ingrid. Overcoming language barriers in European television. In: SNELL-HORNBY, Mary; JETTMAROVÁ, Zuzana; KAINDL, Klaus. *Translation as Intercultural Communication: selected papers from the EST Congress – Prague 1995*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1997. p. 195-205.
- LAMBERGER-FELBER, Heike. *Text-oriented research into interpreting: examples from a case-study*. *Journal of Linguistics*, n. 26, 2001. p. 39-64
- LIMA, Rebeca Inke. *Táticas de Interpretação Simultânea na Cerimônia de Entrega do Oscar*. 2016. 63 p. (trabalho de Conclusão do Curso Bacharel em Letras Português/Inglês, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- JONES, Roderick. *Conference interpreting explained*. Londres/Nova York: Routledge, 2014.
- MACK, Gabriele. New perspectives and challenges for interpretation: the example of television. In: GARZONE, Giuliana; VIEZZI Maurizio (Ed.). *Interpreting in the 21st century: challenges and opportunities – Selected papers from the 1st Forlì Conference on Interpreting Studies, 9-11 November 2000*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2002. p. 203-214.
- MORAIS, Cecília Franco. *The Influence of Doman Knowledge on Simultaneous Interpreting Tasks Performed by Students*. 2018. 82 p. Monografia – Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- PAGURA, Reynaldo José. *A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*. 2010. 232 f. (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários do Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing Interpreting Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

_____. *Simultaneous Interpreting: A Functionalist Perspective*. 14. ed. Hermes, Journal of Linguistics, 1995.

PÖCHHACKER, Franz. *Coping With Culture in Media Interpreting*. Perspectives: Studies in Translatology, Austria, n. 15, v. 2, p. 123-142, 2008.

PYM, Anthony. On omission in simultaneous interpreting: risk analysis of a hidden effort. In: HANSEN, Gyde (Ed.). *Efforts and Models in Interpreting and Translation Research*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2008, p. 83-105.